

A ÉTICA INTRÍNSECA A UMA PESQUISA EDUCACIONAL-MATEMÁTICA MERLEAU-PONTYANA

Elisabete Sanches Modono de Oliveira - PsicoEthos

Rogério Alonso – PsicoEthos

Dra. Verilda Speridião Kluth – SE&PQ/UNICSUL

Resumo

Esse artigo tem como objeto investigar a interrogação: “*Como se tem revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de MERLEAU-PONTY?*” Em um primeiro momento, serão expostos os fundamentos, os procedimentos e a análise que nortearam nossa pesquisa. Em seguida, concentrar-nos-emos na *ética* revelada em dissertação de mestrado da pesquisadora Dra. Verilda Speridião Kluth intitulada: *O que acontece no encontro Sujeito-Matemática?*¹, da área de Educação Matemática. O procedimento investigativo realizado tem como fio condutor a hermenêutica filosófica de GADAMER que se dá na estrutura da pergunta e da resposta. Essa pesquisa possibilitou uma compreensão da manifestação dos fundantes que regem os princípios de uma moralidade que diz do homem e do mundo e que se expressa como *respeito*. A *ética* que emerge nesse estudo contempla alguns aspectos do voluntarismo e do racionalismo como coexistências.

Palavras-chave: ética, fenomenologia, respeito.

Abstract

This article aims investigate the interrogation: “*How the ethics get revealed in researches orientated from the ideas of Merleau-Ponty?*” In a first moment, will be exposed basis, proceeding and analysis that guided our research. After that, will be concentrated in ethics revealed in a mastership dissertation titled: *What happens in meeting of subject-Mathematics? of the Mathematics Education area*. The investigated proceeding realized like a conducting wire to Hermeneutics Philosophical from GADAMER, that works a structure from a question and answer. This research make possible a comprehension by manifestation of base line ruled the onset of morality that says of a man and of the world that express *respect*. The *ethics* emerges in the study contemplated some aspects of voluntarism and rationalism coexistence.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa sobre a ética faz parte de um projeto do PEM² – Pesquisa e Estudos Merleau-Pontyanos – e articula-se em torno da questão: como se tem revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de MERLEAU-PONTY?

Para a realização desse projeto, temos como pano de fundo a compreensão de que, ao pesquisar-se sob o foco das idéias do autor-mentor do grupo, se está construindo uma região de inquérito originada por ações que revelam uma prática grávida de costumes e de comportamentos nos âmbitos do subjetivo, do intersubjetivo e do objetivo, que delineiam aspectos sociais, políticos, culturais e científicos.

¹ KLUTH, V. S. *O que acontece no encontro Sujeito-matemática?* Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP – Rio Claro, 1997.

² PEM – Pesquisa e Estudos Merleau-Pontyanos, grupo associado à SE&PQ e domiciliado no PsicoEthos. Coordenado por: Profa. Dra. Verilda Speridião Kluth. Endereço eletrônico: www.sepq.org.br/PEM.

A reflexão sobre essa prática pode elucidar tanto o trabalho científico do pesquisador, quanto sua elaboração sobre o pesquisado e, ainda, revelar-se a autêntica contribuição de sua pesquisa para o âmbito sócio-político-cultural e científico já instituído.

Assim, a realização desse projeto é de fundamental importância para compreendermos o alcance, as contribuições e os avanços que as pesquisas orientadas pelas idéias merleau-pontyanas puderam, podem e poderão possibilitar em termos de *vida com qualidade* para a Saúde e para a Educação, principais áreas de interesse do PEM.

Nesse artigo, serão expostos os fundamentos, procedimentos e análise que nortearam nossa pesquisa. Buscaremos, outrossim, compreender a *ética* revelada na dissertação de mestrado da Dra. Verilda Speridião Kluth intitulada: *O que acontece no encontro Sujeito-Matemática?* da área de Educação Matemática.

EXPLICITAÇÃO DA INTERROGAÇÃO

Ao construirmos a interrogação “*Como se tem revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de MERLEAU-PONTY?*”, sentimos a necessidade de buscar uma compreensão mais abrangente sobre *o que é ética* e sobre *o que é pesquisar* que nos possibilitasse o vislumbre de novos horizontes, enriquecendo a nossa interpretação primeira da interrogação norteadora, a qual trazia em seu bojo uma imagem de *ética* de senso comum que, muitas vezes, se restringe a questões dos direitos dos cidadãos. Descrevemos de modo sucinto as idéias que tecem a trama da compreensão/interpretação realizada por nós.

Entende-se o ato de pesquisar como um movimento que se inicia na perplexidade, momento em que o fenômeno se faz presente e se instaura a atitude da admiração, que é de receptividade, de disponibilidade e de simpatia.

Quem admira não se dissolve na realidade que admira, nem esta se desfaz naquele. Pois, bem ao contrário, o que caracteriza a admiração é o reconhecimento do outro como outro, e porque eu o reconheço enquanto tal posso admirar-me. Não se trata de confusão, e sim de um respeito cujas raízes mergulham em uma inocência ingênua e piedosa.³

À atitude da admiração segue-se a atitude da negatividade, do estranhamento, da separação. Perde-se de vista a familiaridade primeira construída na *presença*, iniciando-se um processo de reconquista do mundo, que tem seu início com a formulação da interrogação norteadora da pesquisa.

Segundo Joel Martins:

Pesquisar é ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando suas múltiplas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez mais...A interrogação mantém-se viva, pois a compreensão do que se interroga nunca se esgota.⁴

Assim, a pesquisa por nós desenvolvida está, desde o início, aberta a complementações oriundas de outras pesquisas que se desenvolvam em torno da mesma interrogação e segundo o mesmo rigor filosófico e metodológico. Essa constatação confere sentido ao ato de pesquisar em grupo o fenômeno *ética* na pesquisa. No nosso caso: a ética nas pesquisas orientadas pelas idéias de MERLEAU-PONTY.

Coerentemente com a nossa postura de pesquisador, que busca no terreno da Filosofia a compreensão do ato de pesquisar, é nas fontes filosóficas, na descrição de CORTINA & MARTINEZ⁵ e de CHAUI⁶, que encontramos algumas explicitações sobre *o que é ética*.

³ BORNHEIM, G. *Introdução ao filosofar – O pensamento filosófico em bases existenciais*. São Paulo: Globo, 1998, p. 40.

⁴ Cit. por: BICUDO, M A V. *Pesquisa qualitativa: Significados e a razão que a sustenta*. In Revista Pesquisa Qualitativa São Paulo; Se&Pq, 2005, p. 8.

⁵ CORTINA, A & MARTINEZ, E. *Ética*. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: edições Loyola, 2005.

Na descrição dos autores, *ética* é compreendida como *Filosofia Moral*. Isso quer dizer que a *ética* é a tecedura de uma reflexão sobre a *moral*. *Moral* tomada como substantivo. A *ética*, portanto, trata de aspectos universais da *moral*, mesmo que tenhamos em mente que existam muitas *morais* e suas correspondentes *éticas*, ou seja, os aspectos universais podem dizer de uma única *moral* ou ainda de diversas *morais*.

A palavra universal deve ser entendida como aquilo que é invariante da moral ou das morais refletidas. Por isso, a *ética*, como reflexão da moral, leva-nos ao discernimento do que é *fato* e do que é *valor*. Por exemplo: saber se uma conduta é boa ou má. O que equivale a dizer que uma conduta é moral ou imoral e, com isso, tem-se a extensão do uso da palavra *moral* como substantivo para o seu uso como adjetivo, qualificando a conduta.

Portanto, está implícito na finalidade da *ética* como *Filosofia Moral* o desabrochar de uma competência humana de poder saber *o que são* e *o que valem* os costumes que nos são transmitidos, direta ou indiretamente, por qualquer meio de comunicação, sobre o conhecimento humano os quais se expõem nos âmbitos do social, do político, do cultural, do religioso e do científico.

Os modos como a *moral* foi e está sendo refletida e compreendida pelos pensadores constituem a historicidade da *ética* que se apresenta como vida virtuosa, como conduta humana, como dever, como vida ética.

Portanto, a interrogação norteadora — Como a *ética* se revela na dissertação intitulada: *O que acontece no encontro Sujeito-Matemática?* — aponta para a busca de valores que expressam a moralidade presente nessa dissertação.

PROCEDIMENTO E SEUS FUNDAMENTOS

O procedimento investigativo por nós perseguido tem como fio condutor a hermenêutica filosófica de GADAMER⁷. Para ele o *conceito hermenêutica*

/.../ designa a mobilidade fundamental da pré-sença, a qual perfaz sua finitude e historicidade, e a partir daí abrange o todo de sua experiência de mundo. Que o movimento da compreensão seja abrangente e universal, não é uma arbitrariedade ou uma extrapolação construtiva de um aspecto unilateral, mas está, na natureza da própria coisa.⁸

Com essa compreensão de Hermenêutica como possibilidade de presença, temos que a obra humana traz em seu bojo a possibilidade da *autêntica experiência*. Ela é portadora de sentido de mundo transmitido na sua forma de expressão, em sua linguagem.

Ao estar-se em contato com a experiência que a obra transmite, tem-se *presença*, que é compreensão, originando *o efetual*, dado que aquilo que antes era inesperado para aquele que experienciou, agora é previsto.

“Aquele que experimenta se torna consciente de sua experiência, torna-se um experimentador: ganhou um novo horizonte dentro do qual algo pode converter-se para ele em experiência.”⁹

O experienciar não se dá sem o perguntar.

“É essencial de toda pergunta que ela tenha um sentido. Sentido entendido como orientação, direção a algo. O interrogado ao ser perguntado é visto sob

⁶ CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Rev. Ênio Paulo Giochini. Petrópolis: vozes, 1997.

⁸ Cit por. KLUTH, V. S. In: *Estruturas da Álgebra – Investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento*. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP – Rio Claro, 2005, p. 27.

⁹ *Idem. Ibidem*, p. 39.

uma determinada perspectiva. O logos que desenvolve esta perspectiva do interrogado é sempre já resposta e só tem sentido no sentido da pergunta. /.../ A pergunta é a arte de conduzir um diálogo autêntico. Constitui uma dialética e, como tal, os interlocutores, a pergunta e a resposta não se ignoram na conversação, revelando a estrutura de pergunta e de resposta como compreensão.”¹⁰

As idéias aqui expostas delineiam o proceder da nossa investigação, que compreende o texto da dissertação como uma obra, uma possibilidade de experiência, e, portanto, pode ser tomado como possibilidade de resposta à pergunta que pergunta pelos valores que expressam a moralidade presente na obra analisada.

Uma vez esclarecidos os fundamentos do procedimento, passaremos à descrição do procedimento da análise que visa aos valores morais implícitos na dissertação: *O que acontece no encontro Sujeito- Matemática?*

Como já foi apresentado sucintamente no item EXPLICITAÇÃO DA INTERROGAÇÃO, nossos primeiros estudos centraram-se nas perguntas: *o que é pesquisar?* e *o que é ética?*. Só então passamos à etapa de escolha da obra a ser analisada.

Num primeiro momento, lemos a dissertação no intuito de conhecer o seu conteúdo e certificarmos-nos de que a pesquisa desenvolvida tomava as idéias de MERLEAU-PONTY como eixo diretor. Em seguida, já com o objetivo de elaborar uma descrição da pesquisa, reunimo-nos para discutir e aprofundar a nossa compreensão sobre ela.

Com o entendimento da obra, iniciamos sua análise pautada na compreensão gerada pela estrutura da pergunta e da resposta, quando se tem como pergunta: *Como a ética se revela na dissertação intitulada: O que acontece no encontro Sujeito-Matemática?*

Imbuídos da compreensão do que é *ética* e do conteúdo da dissertação, nela buscamos trechos que respondiam a interrogação norteadora, com a finalidade de pôr o logos da determinada perspectiva em *epoché* para podermos, assim, construir o estrutural do fenômeno pesquisado, a saber, a *ética* presente na pesquisa, expresso em termos de invariantes ou valores.

DESCRIÇÃO DA DISSERTAÇÃO: O QUE ACONTECE NO ENCONTRO SUJEITO-MATEMÁTICA?

Na dissertação de mestrado intitulada: *O que acontece no encontro Sujeito-Matemática?*, a autora busca a explicitação de sua interrogação por meio da pesquisa qualitativa, numa abordagem fenomenológica, tendo como fundamento teórico às idéias de MERLEAU-PONTY.

O título da dissertação nasceu da inquietação da autora ao vivenciar um seminário de formação de professores, em que alguns temas matemáticos foram contextualizados, de forma vivenciada, tornando os temas matemáticos compreensíveis.

Essa nova experiência despertou-a para a problemática do ensino da matemática, fechada em si mesma, o que dificulta a espontaneidade de interpretações, tornando-a distante e de difícil compreensão.

Sob esse enfoque, percebe a matemática acadêmica sujeita a questionamentos e formula a pergunta de sua pesquisa: *O que acontece no encontro Sujeito-matemática?* Assim, propõe-se a interrogar os participantes do seminário, que vivenciaram com ela os momentos de uma matemática contextualizada e inusitada.

Utilizando-se da análise fenomenológica, a pesquisadora busca o sentido da interrogação norteadora da pesquisa. A união Sujeito-Matemática é entendida como o momento de *abertura* e de “*fazimento*” de sentido, tornando o *encontro* como possibilidade e fonte de troca. O momento em que o fenômeno, Matemática, se mostra.

Dessa forma, a autora, orientada pelas idéias de MERLEAU-PONTY, investiga o fenômeno *encontro Sujeito-Matemática* como um momento de *percepção*. Abrem-se, assim,

¹⁰ KLUTH, V. S. *Estruturas da Álgebra – Investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento*. Op. cit. p. 40.

novos horizontes à interrogação norteadora, possibilitando a investigação da presença da Matemática no homem, da presença do homem na Matemática e da presença homem-Matemática no mundo, presenças que se dão no encontro.

De posse dos depoimentos, a autora construiu uma *redução* fenomenológica, dividindo a análise dos depoimentos em dois momentos: *análise ideográfica*, em que explicita a linguagem do depoente, abrindo-a à interpretação e compreensão, elaborando, assim, as *asserções articuladas* e, a *análise nomotética*, em que a autora constrói o agrupamento das *asserções articuladas*. Esse agrupamento é constituído pela interligação das *asserções articuladas* segundo três possibilidades: quando se referem a uma mesma coisa; quando expressam uma mesma idéia e quando externam um encadeamento de raciocínio ou transcendência. A autora construiu uma *Rede de Significados*¹¹ em concordância com as idéias de MERLAU-PONTY sobre o mundo como a fenomenologia o compreende. O mundo fenomenológico é o sentido que transcende das experiências humanas.

Ao trabalhar segundo essas idéias, tem-se a possibilidade de uma leitura da intersubjetividade, revelando o *sentido* dos objetos mundanos, no caso dessa dissertação, os objetos da Matemática, que se traduzem na construção do conhecimento como forma percebida, forma sentida e forma produzida.

Das reduções elaboradas, a autora constrói onze categorias abertas inter-relacionadas, interpretando cada uma delas, utilizando-se da compreensão da construção do conhecimento que tem a *percepção* como primado.

As categorias abertas foram assim denominadas:

1. O momento em que se tornam presentes tempo e espaço.
2. A manifestação da Matemática.
3. Modos de sentir a própria percepção da Matemática.
4. O momento em que as relações são percebidas.
5. O corpo próprio e os outros no exercício da construção do objetivo.
6. A percepção da estrutura.
7. O já conhecido abre-se à compreensão em várias perspectivas.
8. Modos de sentir a aula.
9. Modos de perceber o fenômeno.
10. Síntese da transição elaborada com as aulas.
11. Concepção da realidade (Natureza).

Essa Rede de Significados foi mapeada em um anexo à dissertação, possibilitando a visualização de uma rede de interligação das categorias abertas composta das asserções articuladas que pertencem concomitantemente às categorias. Foi então possível uma análise que contemplasse a *intersecção de categorias*, favorecendo a interpretação das categorias abertas na sua totalidade, numa rede de interligação, podendo, inclusive, iniciar a análise das categorias por qualquer ponto, seguindo apenas as conexões.

Com a análise das categorias, foi possível à autora a compreensão da Matemática como um *Objeto Cultural*, por expressar o mundo cultural, revelando a nossa maneira de ser e viver, compartilhando com o outro as coisas percebidas e sentidas, apontando a significação subjetiva do *objeto cultural matemático* como tendo o caráter de universalidade, já que pode materializar-se e manifestar-se das mais diversas maneiras.

Assim, a autora coloca que a atividade do educador precisa ser complementada com o despertar de valores inanimados e submersos nas especializações, realizando um trabalho conjunto com outras áreas disciplinares, de forma que se reconheçam as coexistências da Matemática nas diversas áreas disciplinares. O professor também precisa conhecer o ente matemático para trazê-lo à presença do aluno, de forma que propicie a comunhão aluno-ente matemático.

¹¹Na publicação posterior à sua dissertação Intitulada *A rede de significados: imanência e transcendência: rede de significação*. In BICUDO, M A V. *Fenomenologia – confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000, a autora chama a Rede de Significados de Rede de Significação.

A ÉTICA INTRÍNSECA NA PESQUISA ANALISADA

A análise que apresentamos foi construída no diálogo que se dá na estrutura da pergunta e da resposta, ao lançar mão da interrogação norteadora e buscar na dissertação possíveis respostas sobre a *ética* nela reveladas, bem como o alcance, as contribuições e os avanços que as pesquisas orientadas pelas idéias de MERLEAU-PONTY propiciam para a área educacional no tocante a uma reflexão que discuta os *valores morais*.

No desenvolvimento da nossa análise foi possível perceber que a *ética*, entendida como *filosofia moral*, perpassa toda a pesquisa. Ela está presente na fundamentação teórica, na metodologia, na análise e, principalmente, nas idéias de MERLEAU-PONTY¹² que aparecem em toda a pesquisa.

Buscando respostas para a pergunta de nosso estudo — *Como se revela a ética nas pesquisas orientadas pelas idéias de MERLEAU-PONTY?* —, o valor moral expresso que se destacou foi o *respeito* e é em torno desse valor que construímos a nossa análise apontando para os momentos da dissertação em que esse valor está presente.

Na orientação dada pelas idéias de MERLEAU-PONTY, é notória a presença desse valor *ético*. Já na explicitação da construção do conhecimento que tem o primado na relação *noesis-noema*, o autor busca respeitar a relação do homem com o homem, do homem com o mundo natural e do homem com as tradições. *Respeito* explicitado na dissertação como:

/.../ **Noesis** significando o ato intencional da consciência, que consiste na disposição do sujeito para ver algo; **noema** é o referente objetivo, aquilo que é visto. A análise fenomenológica mais frutífera e incomparavelmente mais importante pertence ao lado **noético**, cujo conhecimento somente pode ocorrer reflexivamente. Trata-se da consciência de um sujeito atribuindo significado a algo que emerge num determinado pano de fundo e que é nossa intencionalidade focada. A modificação que ocorre a partir desse movimento gera sentido, constituindo-se numa experiência significativa. Numa linguagem mais familiar ao educador, **noesis** refere-se ao **ato do entendimento**, ao apreendido e elaborado pela consciência.¹³

Ao dar-se a relação *noesis-noema*, funda-se um encontro. O encontro é, portanto, o momento em que a *presença* se faz para o indivíduo. Carregada de sentidos, a *presença* possibilita a constituição da unidade de sentidos e a construção de um significado. Dá-se, assim, uma construção interior e corpórea de homem e de mundo. Portanto, o encontro é também um momento próprio do indivíduo que vive o tempo como constituição da unidade de sentidos, reflexão e construção de significados de mundo fundados na *percepção*.

/.../ “... É a percepção que nos coloca em presença do momento, no qual se constituem para nós as coisas, as verdades, o real.”⁷ A **percepção** é o próprio momento em que o **logos** começa a se constituir na consciência.¹⁴

O *respeito* ao humano apresenta-se claramente nas idéias de MERLEAU-PONTY quando busca compreender essa unidade de sentido, pois respeita a pessoa que vivencia o encontro assumindo-a como um ser portador de uma historicidade que se constitui nos encontros, os quais são momentos de *percepção*.

As idéias do autor sobre a percepção como primado do conhecimento mostram que o mundo é dado, como *presença*, da mesma forma a todos, ou seja, a *percepção* não é um ato pessoal e a forma dada na *percepção* revela o que é próprio das *presenças*.

¹² MERLEAU-PONTY. M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos A R de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

¹³ KLUTH, V. S. *O que acontece no encontro sujeito-Matemática?* Op. cit., p.11.

¹⁴ Cit por KLUTH, V. S. *O que acontece no encontro sujeito-Matemática?* Op. cit., p.12.

Segundo MERLEAU-PONTY:

A percepção me dá um ‘campo de presença’ no sentido amplo, que se estende segundo duas dimensões: a dimensão aqui-ali e a dimensão passado-presente-futuro. A segunda permite compreender a primeira. Eu ‘posso’, eu ‘tenho’ o objeto distante sem posição explícita da perspectiva espacial (grandeza e forma aparentes), assim como ‘ainda tenho em mãos’ o passado próximo sem nenhuma deformação, sem ‘recordação’ interposta. Se ainda quisermos falar de síntese, ela será, como diz Husserl, uma ‘síntese de transição’, que não liga perspectivas discretas, mas efetua a ‘passagem’ de uma à outra.¹⁵

Segundo KLUTH:

O encontro **Sujeito-Matemática** não é, portanto, um **chocar-se** e **produzir um simples depois**, onde cada uma das partes toma uma direção, como se nada tivesse acontecido, como se cada uma das partes somente tivesse tomado conhecimento da existência outra. Há algo que sucedeu antes do **encontro**, há algo que sucede no momento e há algo que se projeta; e que em movimento se comunicam no **espaço-temporalidade**.¹⁶

Segundo MERLEAU-PONTY:

/.../ a relação de certo modo orgânica do sujeito perceptor e do mundo comporta por princípio a contradição da imanência e da transcendência. Imanência, posto que o percebido não poderia ser estranho àquele que percebe; transcendência, posto que comporta sempre um além do que está imediatamente dado.¹⁷

Pelo encadeamento das idéias dessas citações, que demonstram o tecido construído na dissertação em torno da idéia da *percepção*, podemos dizer que KLUTH demonstra uma fidedignidade às idéias de MERLEAU-PONTY, transmitindo com seu trabalho um *respeito* às relações humanas que se estabelecem no encontro do sujeito com o mundo.

Percebe-se a moralidade expressa como *respeito* porque todo o percebido se dá com e pelo corpo. Assim, a análise merleau-pontyana considera a *percepção* como a primeira camada do *sentir*. Dá-se, nesse movimento, uma passagem da primeira camada, a *percepção*, para o interior dos indivíduos, levando o mundo, com toda sua racionalidade, para dentro do nosso *sentir*. Ocorre, assim, uma fusão entre *logos* de mundo e a forma como somos e como nos relacionamos com esse mundo.

Para compreendermos o **sentir**, que se coloca na visão da **percepção**, na qual o corpo é entendido como sendo o **sujeito da percepção**, Merleau-Ponty propõe um estudo da **sensação** observando-a “...de tão perto que ela nos ensina a relação viva daquele que percebe com seu corpo e com o seu mundo.”¹⁸

A autora mantém o *respeito* ao avaliar as sensações postas nos depoimentos, levando sempre em conta que o *sentir* carrega conteúdo de mundo. Em consequência, abre sua análise para dois âmbitos: unidade do sujeito e unidade do objeto presente, procurando, sempre, respeitar o espaço e a natureza do outro.

Valemo-nos da constatação de CHAUI, que expressa com muita propriedade nossa maneira de pensar sobre a forma de lidar com os depoentes e com os dados de uma pesquisa.

¹⁵ Cit por KLUTH, V. S. In: *O que acontece no encontro sujeito-Matemática?* Op. cit., p.13.

¹⁶ KLUTH, V. S. *O que acontece no encontro sujeito-Matemática?* Op. cit., p.13.

¹⁷ Cit por KLUTH, V. S. In: *O que acontece no encontro sujeito-Matemática?* Op. cit., p.14.

¹⁸ *Idem. Ibidem*, p. 136.

A dignidade dos seres humanos como pessoas e, portanto, a exigência de que sejam tratados como um fim da ação e jamais como meio ou como instrumento para nossos interesses.¹⁹

A postura ética carregada do valor *respeito* expresso na postura da pesquisadora ao desvencilhar-se de possíveis interesses próprios pode ser constatada no desenvolvimento da metodologia de sua pesquisa, em que a fenomenologia é respeitada e seus princípios aplicados, traduzindo-se em um trabalho ético. Das idéias de MERLEAU-PONTY sobre o mundo fenomenológico:

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha.²⁰

KLUTH cria seu procedimento metodológico:

Assim, de uma forma tão singela, nos é apresentado um dos objetivos da **Fenomenologia**, o de explicitar o sentido do ser, respeitando a sua pessoa, a do outro e o da humanidade, apontando-nos uma maneira de sairmos a sua procura, pela **intersecção** das experiências vivenciadas. Cabe-nos, porém, construir um caminho para chegarmos às **intersecções**.²¹

As intersecções são construídas nos âmbitos das asserções articuladas em forma de Rede de Significados e no âmbito das categorias abertas como Rede de Interligações das Categorias Abertas.

Em sua pesquisa, KLUTH não classifica as diferenças ou idiossincrasias como categorias isoladas, pois essa seria uma atitude contraditória aos princípios que regem seu procedimento metodológico. A autora tece a inter-relação entre as categorias que emergem da Rede de Significados, permitindo uma continuidade de sentido que transita de uma vivência a outra, valorizando e respeitando a vivência expressa nos depoimentos, fonte da análise intencional, que permite chegar-se aos invariantes, que traduzem a estrutura do fenômeno estudado.

Quando se está realizando uma Pesquisa Fenomenológica está presente desde o início, desde a perplexidade do pesquisador, um estilo de aproximação e de interrogação do mundo, colocando-o em evidência, possibilitando o destaque de cada ato perceptivo/cognitivo de modo consciente e a reflexão do ocorrido. É o movimento da **redução**.²²

Constatamos, assim, que nessa dissertação busca-se compreender a racionalidade como algo que aflora do mundo e que não se dissolve nas sensações ao ser percebida. Por outro lado, entendemos que a autora deixa transparecer um voluntarismo, por meio de atos de vontade que indicam um esforço para vencer os obstáculos postos nos depoimentos da pesquisa. Esses atos exigem um discernimento e reflexão antes de uma avaliação ou tomada de direção e referem-se ao possível, isto é, ao que pode ser ou deixar de ser e que se torna real, estando sempre inseparável da responsabilidade de pesquisadora.

Constatamos que no trabalho, o ato de vontade está inserido na descrição da *intencionalidade operante*:

¹⁹ CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. Op. cit., p.346.

²⁰ Cit por KLUTH, V. S. In: *O que acontece no encontro sujeito-Matemática?* Op. cit., p.109.

²¹ KLUTH, V. S. *O que acontece no encontro sujeito-Matemática?* Op. cit., p. 109.

²² *Idem. Ibidem*, p. 33.

\...\ Husserl distingue entre intencionalidade de ato, que é aquela de nossos juízos e de nossas tomadas de posição voluntárias, a única da qual a crítica da razão pura falou, e a intencionalidade operante aquela que forma a unidade natural e antipredicativa de mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente que o conhecimento objetivo, e fornece o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser a tradução em linguagem exata. A relação ao mundo, tal como infatigavelmente se pronuncia em nós, não é nada que possa ser tomado mais claro por uma análise: a filosofia só pode recolocá-la sob nosso olhar, oferecê-la à nossa constatação.²³

Entendemos que é a *intencionalidade operante* que sustenta a postura de pesquisa exercida. É ela que conduz a autora à Rede de Significados e à Intersecção de Categorias possibilitadas pelas idéias de MERLEAU-PONTY.

Uma vez que os aspectos do voluntarismo e do racionalismo surgem em nossa análise como não contraditórios, entendemos que a *ética* que emerge desse trabalho busca contemplar alguns aspectos do voluntarismo e racionalismo como coexistências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo Filosofia Moral do livro *Convite à Filosofia*, CHAÚÍ apresenta-nos uma reflexão sobre a questão da violência como um infringir do *respeito*, que pode ser interna, como rigidez de comportamento, e externa, como transgressões a normas da sociedade. Com a ajuda da Psicanálise, ao lado das duas instâncias: *id* – impulsos primários, instinto, e *superego* – valores morais, a autora apresenta uma terceira – a *consciência* –, que vai servir de mediador nos conflitos internos do indivíduo.

Somos eticamente livres e responsáveis não porque possamos fazer tudo quanto queiramos, nem porque queiramos tudo quanto possamos fazer, mas porque aprendemos a discriminar as fronteiras entre o permitido e o proibido, tendo como critério ideal a ausência da violência interna e externa.²⁴

Partindo da análise de CHAÚÍ, acrescida das idéias de MERLEAU-PONTY referentes ao encontro e à compreensão de consciência como a unidade do sujeito-mundo, poder-se-ia dizer que, no encontro homem-mundo, têm-se os fundantes para a construção do equilíbrio do indivíduo com ele mesmo, do indivíduo com o mundo, do indivíduo com a sociedade, revelando os princípios de uma moralidade que diz do homem e do mundo.

A postura da pesquisadora em seu trabalho mostra uma fidedignidade entre as idéias de MERLEAU-PONTY e a busca de um reencontro com a ciência Matemática, ao refletir sobre o percebido, sobre o incorporado e sobre o que é vivido, possibilitando uma compreensão da construção do conhecimento da Matemática em suas camadas: como percebido, como sentido e como construído, que revelam diretrizes pedagógicas.

Durante a realização da pesquisa, a autora busca a verdade, revelando, portanto, uma postura ética compromissada com a verdade do mundo natural e a verdade do mundo construída pelas realizações humanas que se expressam como objetos culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICUDO, M A V. *Pesquisa qualitativa: Significados e a razão que a sustenta*. In Revista pesquisa qualitativa São Paulo; SE&PQ, 2005, p. 7-26. p.175.
BORNHEIM, G. *Introdução ao filosofar – O pensamento filosófico em bases existenciais*. São Paulo: Globo, 1998. p. 161.

²³ MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Op. cit., p. 16.

²⁴ CHAÚÍ, M. *Convite à Filosofia*. Op. cit., p. 356.

- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994. p. 440.
- CORTINA, A & MARTINEZ, E. *Ética*. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: edições Loyola, 2005. p. 176.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Ver. Ênio Paulo Giochini. Petrópolis: vozes, 1997, p. 731.
- KLUTH, V. S. *O que acontece no encontro Sujeito-Matemática?* Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP – Rio Claro, 1997, p. 186. Disponível em: www.sepq.org.br
- _____. *Estruturas da Álgebra – Investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento*. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP – Rio Claro, 2005, p. 192. Disponível em: www.sepq.org.br
- _____. *A rede de significados: imanência e transcendência: rede de significação*. In Bicudo, M A V. *Fenomenologia – confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 105 – 140 p. 167.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos A R de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 662.

Elisabete Sanches Modono de Oliveira
Rogério Alonso
Verilda Speridião Kluth

E-mail: betemodono@uol.com.br
E-mail: rogerio_alonso@uol.com.br
E-mail: verilda@nlk.com.br